

FACULDADE INTEGRADA CETE – FIC GARANHUNS  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

PAULO CESAR BERNARDO DA SILVA

**ACOLHIMENTO E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À POPULAÇÃO  
TRANS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

GARANHUNS – PE  
DEZEMBRO, 2023

**PAULO CESAR BERNARDO DA SILVA**

**ACOLHIMENTO E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À POPULAÇÃO  
TRANS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

Trabalho de Conclusão do  
Curso, apresentado para  
obtenção do título de Enfermeiro  
no Curso de Enfermagem da  
Faculdade Integrada CETE - FIC.

**Orientador(a): Prof. MSc. JULIANNE  
MILENNA PADILHA ROLIM**

**GARANHUNS – PE  
DEZEMBRO, 2023**

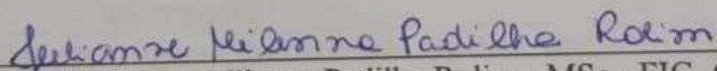
PAULO CESAR BERNARDO DA SILVA

ACOLHIMENTO E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À POPULAÇÃO  
TRANS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

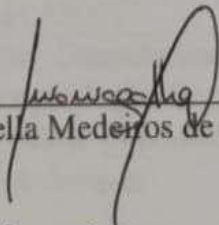
Trabalho de Conclusão de Curso  
aprovado pela Banca  
Examinadora para obtenção do  
título de Enfermeiro, no Curso de  
Enfermagem da Faculdade  
Integrada CETE – FIC.

Garanhuns, 15 de Dezembro de 2023.

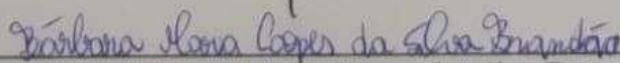
BANCA EXAMINADORA



Prof. Julianne Milenna Padilha Rolim - MSc - FIC- Orientador



Prof. Isabella Medeiros de Oliveira Magalhães – Dra – FIC



Prof. Bárbara Maria Lopes da Silva Brandão - MSc - FIC

# ACOLHIMENTO E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À POPULAÇÃO TRANS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Autor: Paulo Cesar Bernardo da Silva  
Orientador: Julianne Milena Padilha Rolim

## RESUMO

**Introdução:** A prestação de cuidados humanizados a pessoas trans na assistência primária à saúde é um desafio significativo enfrentado pela equipe de enfermagem, apesar dos avanços na compreensão das questões relacionadas à identidade de gênero, a implementação efetiva de práticas humanizadas para essa população muitas vezes esbarra em obstáculos complexos. **Objetivo:** Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa deu-se pela investigação de como é realizada a assistência e acolhimento da enfermagem a população trans na atenção primária a saúde. **Metodologia:** Este estudo, trata-se de uma Revisão Integrativa de literatura, em que sua coleta de dados se deu no período de novembro de 2022 a outubro de 2023 através da seguinte pergunta norteadora: Como é realizado o acolhimento e assistência de enfermagem à população trans na atenção primária à saúde? Dessa forma a seleção dos artigos foi realizada com os seguintes critérios de elegibilidade: escritos originais, revisões de literatura, disponíveis como registros completos entre os anos de 2019 a 2023 nas seguintes plataformas de dados: BVS, LILACS e SciELO. **Resultados:** Diante do exposto um dos principais indicadores encontrados nas discussões da literatura são a falta de treinamento dos profissionais da enfermagem ao acolhimento a pessoas Trans, falta de conhecimento sobre as questões de identidade de gênero e a dificuldade que se encontra na rede primária de assistência ao tentar implementar a proposta adequadas de cuidados humanizados a saúde através da política de assistência a população LGBTQIA+. **Conclusão:** Conclui-se que a assistência e o acolhimento de enfermagem à população trans na atenção primária são fundamentais para garantir a saúde e o bem-estar. É necessário que os profissionais de enfermagem estejam capacitados e conscientes dos desafios enfrentados por essa população, para que possam proporcionar um atendimento de qualidade e respeitoso.

**Palavras-chave:** Assistência de enfermagem; Pessoas Transgênero; Atenção básica

## INTRODUÇÃO

Segundo Jesus (2012), pessoas transgêneros são aquelas que em seu nascimento, nasceram com o sexo biológico, mas, no decorrer de suas vidas, não se identificaram a esse sexo, onde se dá início ao processo transexualizador.

De acordo com o artigo 1º da Constituição Federal de 1988 (CF/88), a república tem como um dos fundamentos a dignidade da pessoa humana. No entanto, tal garantia constitucional é violada, a partir do momento que pessoas são excluídas e tratadas de forma diferente, como acontece com membros da população LGBTQIA+ nos diversos espaços públicos.

A exemplo disso, segundo Benevides (2022) a transexualidade ainda é alvo de muito preconceito no Brasil, “no ano de 2021, tivemos pelo menos 140 (cento e quarenta) assassinatos de pessoas trans, sendo 135 (cento e trinta e cinco) travestis e mulheres transexuais, e 05 (cinco) homens trans e pessoas masculinizadas” (p,30).

No contexto atual, as políticas públicas sobre saúde da população LGBTQIA+ instituída pela portaria nº 2836 de 2011, BRASIL, 2018, estão alicerçadas na perspectiva da oferta de uma assistência humanizada, acolhedora e holística, diferente do que se constatava nos anos 1990, que era limitada e marcada por discriminação e violência. A discriminação era generalizada, e a intolerância e o preconceito eram muito comuns. A homossexualidade ainda era considerada uma doença mental em muitos países, e as pessoas LGBTQIA+ eram frequentemente perseguidas, estigmatizadas e marginalizadas. As leis contra a discriminação eram quase inexistentes, enquanto os direitos dessa população eram muito limitados. A associação com a criminalidade e a prostituição era uma forma comum de discriminação, e as pessoas LGBT eram muitas vezes sujeitas ao preconceito e à violência.

Assim, mostra-se relevante a importância de políticas públicas em saúde a essa população tão julgada pela sociedade, que além de sofrerem discriminações, ainda lidam com equipes de enfermagem despreparadas no que concerne o tratamento acolhedor, respeitoso e isento de preconceitos (SILVA *et al.*, 2022).

O despreparo e a falta de conhecimento para atender esse público vem de uma deficiência das instituições de ensino superior e técnico, no qual temas como esse são poucos abordados ou inexistentes. Não há ensinamentos para uma assistência adequada, cabendo ao profissional após formado querer ou não aprender e conhecer essa população que tanto sofre na sociedade, pelo simples fato de serem o que querem ser e não o que a sociedade impõe (VIANNA, 2015).

Pessoas transgêneros são as mais afetadas durante a procura de assistência, tendo em vista que nos atendimentos, cadernetas e prontuários apenas observou-se um direcionamento a opção de sexo biológico, sem a possibilidade de colocar identidade de gênero e nome social, nome esse, que é um direito assegurado por lei. Tal dispositivo legal estabelece que fica assegurado aos servidores públicos, no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, o uso do nome social adotado por travestis e trans (BRINGEL, 2010).

Diante disso, especificamente nos ambientes de saúde é sabido que, muitas vezes, o despreparo da equipe multiprofissional acaba por reproduzir discursos excludentes e práticas que vão de encontro ao tratamento digno dos membros de minorias. Na revista *Elle Brasil* (2022), há alguns relatos de pacientes transgêneros que passaram por atendimentos vexatórios,

como foi o caso de Anneliz que disse: “Eles costumam ser extremamente grosseiros e não são preparados. Gritam seu nome de registro e sempre ficam com uma risadinha de deboche que deixa a gente sem reação (...)”.

O acolhimento e assistência de enfermagem à população transgênero na atenção primária à saúde (APS) exige um olhar atento e acolhedor. Considerando as particularidades da Pessoa Transgênero, o profissional de enfermagem deverá se orientar na promoção deste olhar acolhedor, atentando para as especificidades desta população, ultrapassando barreiras de preconceito, respeitando as características próprias de cada Pessoa, respeitando seu direito à livre escolha e autodeterminação, respeitando sua identidade de gênero e seu sentimento de pertença (BRIGEL, 2010).

Os atendimentos à população LGBTQIA+ nos serviços de saúde, ainda são um desafio, por mais que os profissionais da enfermagem possuam conhecimento sobre essa temática, essa assistência ainda se torna falha em todos os aspectos. As pessoas trans são as mais afetadas, devido às suas características físicas não irem de acordo com as crenças religiosas ou culturais dos profissionais que as atendem, como também o déficit de formação inicial e continuada nos cursos acentuar essa realidade de exclusão (VERAS et al, 2021).

Dessa forma o objetivo dessa pesquisa deu-se pela investigação de como é realizada a assistência e acolhimento da enfermagem a população trans na atenção primária a saúde.

## **PRODUZINDO CONHECIMENTO SOBRE A ASSISTÊNCIA E ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM À POPULAÇÃO TRANS: UM ENFOQUE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA**

### **Identidade de gênero**

A identidade de gênero é um conceito recente, que é usado para descrever a forma pela qual o indivíduo se relaciona com o mundo. A identidade de gênero é definida por inúmeros fatores, sendo a sexualidade uma das mais determinantes. A sexualidade é um conceito amplo, que diz respeito às relações sexuais, à orientação sexual, à escolha de parceiro sexual, à identificação com o gênero, à percepção que o indivíduo tem sobre sua sexualidade, ou seja, o próprio sentimento sexual, ou ainda, à autoimagem do corpo, à relação do indivíduo com o corpo (PAGLIARINI BAGAGLI, 2017).

De acordo com Jesus (2012), a identidade de gênero é um aspecto do ser humano que revela como o indivíduo se identifica em relação ao próprio gênero. Sendo assim, as categorias mais conhecidas são o feminino e o masculino, todavia, há diversas outras classificações que

devem ser entendidas e respeitadas.

No seu uso mais complexo, "gênero" é sinônimo de "sistema de relações sociais entre os sexos". Neste caso, o gênero é a categoria social que relaciona mulheres e homens. O gênero é um "sistema de relações", ou seja, o termo sugere que a relação entre os sexos é tão complexa que ela deve ser considerada como um conjunto de várias relações. Uma mulher e um homem podem, assim, ser definidos como gêneros opostos, mas cada gênero é igualmente definido por suas relações com os outros gêneros (JOAN SCOOT, 2012).

Segundo Louro (2000), através de processos culturais definimos o que é certo ou não em relação ao nosso corpo e a nossas atitudes. Também é moldado por meio desses processos, o sentido que a identidade de gênero é feita, ou seja, as formas de expressar os desejos e prazeres são sempre socialmente estabelecidas e codificadas.

Como conceito, a identidade de gênero é uma construção social (não biológica) e, por isso, é preciso refletir sobre ela. Da mesma forma, o conceito de orientação sexual é afetado pelo conceito de identidade de gênero. Como o gênero é uma construção social, as orientações sexuais também são construções sociais. Elas não estão aí, prontas, para serem apreendidas, mas sim sendo criadas. No mundo atual, é possível perceber que algumas pessoas não apresentam uma opção única, mas sim diversas, não apenas dentro de um gênero, mas também entre diferentes gêneros (STOLLER, 1968).

Se para Stoller (1986) sexo é uma característica biológica, para Judith Butler gênero é uma característica social, é uma categoria de análise que remete ao conjunto de traços sociais que caracterizam um sexo específico. Surgiu então a ideia de que gênero não seria nada mais que um conjunto de características que podem ser aprendidas. Ainda que o gênero seja uma categoria social, isso não significa que não possa ser aprendido. A educação é fundamental para que o conceito de gênero seja assimilado ao longo da vida de uma pessoa (BUTLER, 1990).

Louro (2000, p.9) diz que “em nossa sociedade a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã, e essa passa a ser referência”. Neste sentido a mulher é considerada como “segundo sexo” e gays/lésbicas como desviantes da norma heterossexual.

### **Transexualidade**

Trata-se de uma condição em que o sexo biológico diverge do sexo biológico, ligado ao nascimento, são pessoas que não se identificam com papéis esperados ligados ao sexo biológico determinado no nascimento. Para JESUS (2012, p.14), “a transexualidade é uma questão de identidade. Não é doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença

*debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem um capricho”.*

A transexualidade é uma questão que vai além da questão da sexualidade, mas que diz respeito às relações sociais de gênero. A transexualidade pode ser entendida como um desafio às relações tradicionais de gênero e às noções de identidade de gênero. A transexualidade é um desafio à ideia de que as pessoas devem ser classificadas em termos de um gênero binário (homem/mulher). A transexualidade pode ser entendida como uma ameaça à ideia de que o sexo biológico é determinante da identidade de gênero (BENTO, 2006).

No contexto da sociedade brasileira, a população trans sofre com inúmeros ataques resultantes de discursos religiosos/fundamentalistas, sendo atribuído a esta parcela o status de pecadores(as). Além disso, alguns argumentos de cunho médico reforçam os estereótipos de que a transexualidade é uma doença que necessita de cura. Assim, a cultura heteronormativa corrobora nos altos índices de violência, exclusão e aumento das desigualdades (RAMOS et al., 2020).

Nesse sentido, corriqueiramente, mulheres e homens trans têm seus direitos violados. Conforme a Constituição Federal de 1988 (CF/88), em seu artigo 196, todos os sujeitos gozam do direito à saúde, de forma universal e igualitária. Desse modo, o Estado brasileiro tem o dever de criar mecanismos de inclusão, a fim de mitigar danos de ordem psíquica e mental a todos os cidadãos, independentemente da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Assim, a discriminação nos espaços de saúde corrobora “fortes sentimentos de tristeza e de angústia, o que repercute em abandono dos tratamentos em andamento e resistência na busca por cuidados em saúde quando necessários” (ROCON et al, 2020, p. 6).

Outro problema enfrentado é a tendência de patologizar a transexualidade por parte de alguns profissionais da saúde, ou seja, essa dimensão da vida humana seria tratada pela via psiquiátrica. Esse processo, indubitavelmente, revela as imposições de comportamento historicamente constituídas na sociedade. Logo, homens e mulheres passariam a ser avaliados de acordo com suas genitálias e os respectivos padrões de comportamento exigidos para tal (RAMOS et al., 2020).

Rocon et al (2020) nos alerta que tal “patologização da transexualidade é um dos fatores que pode proporcionar o adoecimento e sofrimento dessa população por contribuir com sua marginalização e exclusão social” (p.8). Ainda, ao longo de várias pesquisas, o respectivo autor percebeu que não há um tratamento imparcial por parte de alguns médicos, fator esse, que dificulta no diagnóstico fidedigno e conseqüente processo transexualizador.



## **Atenção primária e assistência de enfermagem a população Trans**

A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que a Atenção Básica é a porta de entrada para o sistema de saúde, o que significa uma ação de prevenção de problemas de saúde, a promoção de saúde, a proteção contra riscos à saúde, a identificação de problemas de saúde, e a atenção que visa ao bem-estar das pessoas. Esse conjunto de ações, segundo a OMS, garante ao sistema de saúde um papel mais eficiente, mais equilibrado e mais justo para com seus usuários (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

O sistema único de saúde (SUS) garante um atendimento de integralidade a população brasileira, seguindo também os princípios de universalidade, onde garante atendimento a todos os cidadãos brasileiros e aos diferentes tipos de serviços de saúde sem discriminação e a equidade é a garantia do atendimento de acordo com suas necessidades, é reconhecer as desigualdades existentes em nossa sociedade. Artigo 196 da Constituição Federal de 1988, afirma: *“A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem a redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”*.

A Política Nacional de Saúde LGBTQIA+ é um conjunto de diretrizes para garantir a efetivação dos direitos sexuais e reprodutivos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer e intersexuais, bem como assegurar acesso a serviços de saúde de qualidade. A assistência de enfermagem é fundamental para a implementação dessa política, uma vez que é a profissão que está mais próxima da população. Enfermeiros e enfermeiras devem, portanto, garantir o acesso igualitário aos serviços de saúde, bem como acolher e respeitar a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero (POPADIUK; OLIVEIRA; SIGNORELLI, 2017).

Todavia, essas políticas governamentais devem ser colocadas efetivamente em prática, uma vez que, a falta de preparo dos profissionais e a má condução nos atendimentos, desmotivam a clientela transexual a procurar atendimento médico nas mais diversas situações.

A equipe de enfermagem desempenha um importante papel no cuidado a saúde das pessoas trans, onde a mesma está presente massivamente nos diversos locais de atendimento à saúde, exercendo atividades de promoção à saúde e prevenção de agravos e doenças. Assim, é fundamental a ampliação do conhecimento científico acerca da assistência de Enfermagem à população trans. Nesse contexto, a assistência de Enfermagem à população trans e/ou com variabilidade de gênero é uma área pouco explorada cientificamente, apesar de ser relevante para a melhoria da qualidade de vida dessa população, e para a consolidação de uma assistência

de saúde de qualidade (ROSA et al., 2019).

Entretanto, talvez o maior desafio a ser superado na perspectiva de um projeto de acolhimento aos grupos de transexuais e travestis seja a adequação de um modelo de abordagem que respeite a identidade de gênero, a história de vida e as particularidades sociais, culturais e psicológicas de cada um(a). Ainda que o projeto de acolhimento seja desenvolvido em conjunto com as comunidades, talvez o maior desafio esteja na implementação, quando se necessitará lidar com a diversidade, com a pluralidade, com a individualidade, com a autonomia, com a liberdade de escolha de cada um, de forma integral, sem restrições, sem preconceitos, sem discriminações (RAMOS et al., 2020).

## MÉTODO

Este estudo, trata-se de uma Revisão Integrativa de literatura que de acordo com Luna (1999), é um processo em que o pesquisador analisa o que já foi escrito sobre o assunto que está sendo estudado. Esta análise pode envolver a identificação de questões importantes e tendências emergentes, além de estabelecer paralelos entre os resultados de outros estudos. O objetivo principal da revisão de literatura é oferecer uma visão geral sobre o tópico em questão, para que o pesquisador possa entender o estado atual do conhecimento sobre o assunto e planejar o seu próprio estudo.

Dessa forma, a revisão integrativa de literatura propõe um processo sistemático que permite resumir, avaliar e interpretar pesquisas existentes, avaliando as relações entre elas e oferecendo uma interpretação coletiva do tema.

Para tanto a coleta de dados deu-se no período de novembro de 2022 a Outubro de 2023 através da seguinte pergunta norteadora: Como é realizado o acolhimento e assistência de enfermagem à população trans na atenção primária à saúde? A partir dessa definição encontrou-se por meio da pesquisa do sistema de informações oferecido pelo programa DeCs, acessível na plataforma eletrônica da Biblioteca virtual de saúde (BVS). Seguem as definições dos termos de pesquisa:

**Tabela 1: Definições a partir do Thesaurus da BVS**

<b>Descritores</b>	<b>Sentido</b>
Assistência de enfermagem	Cuidados prestados aos pacientes pelo pessoal do serviço de enfermagem.
Pessoas transgênero	Pessoas que possuem senso de identificação com (e a expressão de) comportamentos regulados pelo gênero não associado tipicamente ao sexo anatômico identificado ao nascimento associado (ou não) a um

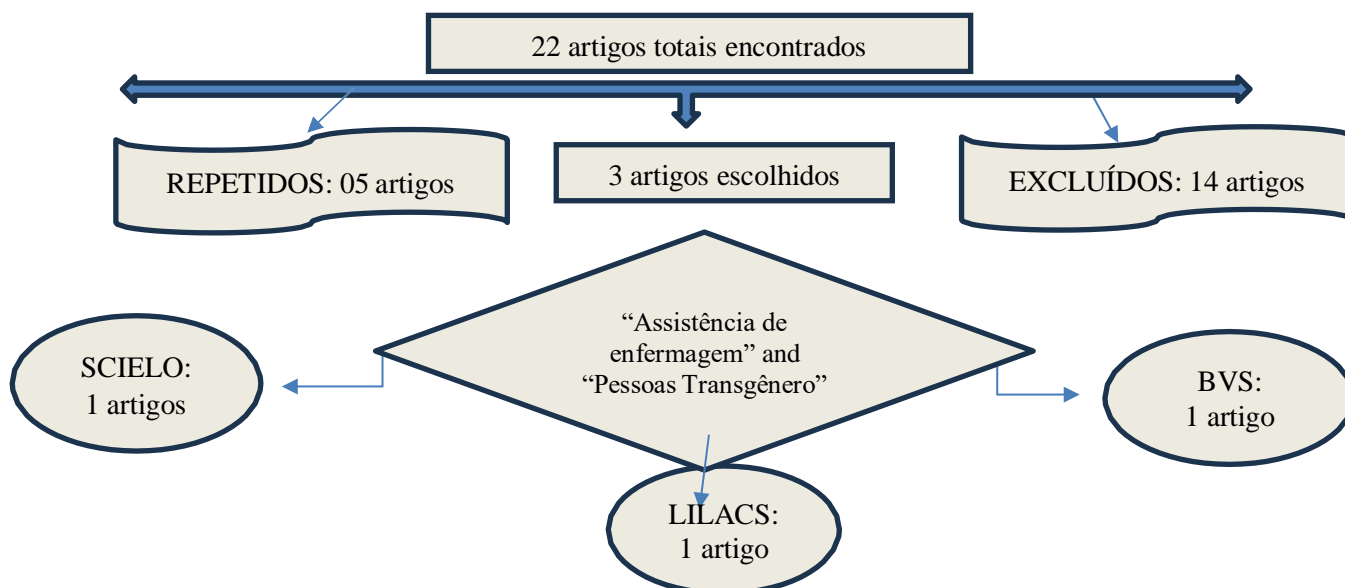
	desejo de se submeterem a PROCEDIMENTOS DE READEQUAÇÃO SEXUAL
Atenção básica	Cuidados que fornecem serviços de saúde integrados e acessíveis por médicos responsáveis por atender a grande maioria das necessidades pessoais de cuidados de saúde, desenvolvendo uma parceria sustentada com os pacientes e praticando no contexto da família e da comunidade.

Fonte: Elaborado pelos autores

Como expressão de busca utilizou-se o booleano AND entre os descritores destacados da seguinte forma: 1. “Assistência de enfermagem” and “Pessoas Transgênero”, 2. “Atenção básica” and “Pessoas transgênero” e 3. “Assistência de enfermagem” and “Pessoas Transgênero” and “Atenção básica” e usou-se as seguintes bases de dados como ferramentas para delimitar os artigos escolhidos: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS – Biblioteca Virtual em Saúde em contínuo desenvolvimento.

Dessa forma a seleção dos artigos foi realizada com os seguintes critérios de elegibilidade: escritos originais, revisões de literatura, disponíveis como registros completos entre os anos de 2019 a 2023 para destacar os estudos realizados nos últimos 5 anos, em língua portuguesa e inglesa. Não foram escolhidos artigos de orientações clínicas e que não estivessem disponíveis na íntegra.

Ao conduzir uma investigação nas bases de dados utilizando os descritores previamente escolhidos, foi possível identificar um total de 16 artigos na plataforma BVS, dos quais foram eleitos 4 para inclusão no estudo. Na plataforma SciELO foram localizados 29 registros, e após uma análise criteriosa, localizada 4 selecionados. Já na plataforma LILACS, foram encontrados 33 artigos, que, após um processo de refinamento alinhado com o tema de pesquisa, foram reduzidos a 4. Como podemos verificar no fluxograma abaixo:



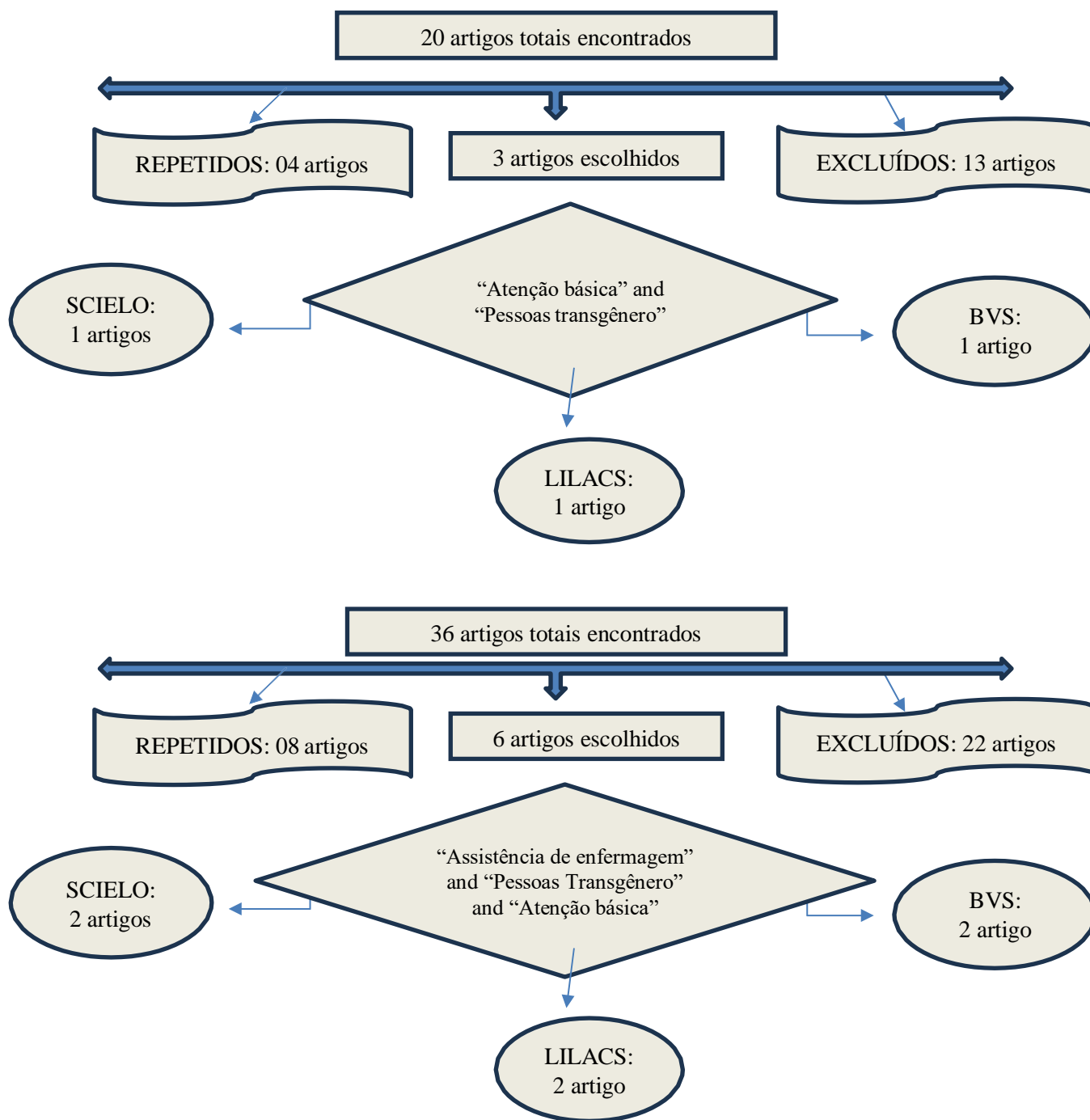


Figura 1. Fluxograma de seleção dos participantes segundo PRISMA.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Diante disso, a coleta de dados foi realizada por seleção e análise dos estudos, nas seguintes etapas: leitura e resumo dos artigos; tabulação dos indicadores; resumo dos resultados por título, ano, autores e resultado do estudo e posteriormente a análise dos resultados

encontrados.

**Tabela 2: Artigos por título, ano, autores e resultado do estudo**

<b>Título do artigo</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores</b>	<b>Resultado do estudo</b>
A humanização da atenção básica a saúde brasileira no atendimento de travestis e transsexuais: uma revisão narrativa	2020	RAMOS, Lázaro Saluci et al.	O estudo destacou a escassez de programas que incentivam a humanização e o preparo profissional para o primeiro atendimento nos programas vinculados a atenção primária no Brasil.
Acolhimento de travestis e transexuais na atenção primária à saúde: uma revisão bibliográfica	2021	VERAS, Pedro Henrique Lima et al.	O estudo trouxe como resultado que a capacitação do enfermeiro juntamente com a educação continuada soma para que ele ajude a mudar a realidade da vida do público Trans no âmbito de saúde.
Elaboração de protocolo de enfermagem para apoio ao atendimento de pessoas trans no âmbito da Atenção Primária à Saúde à luz da teoria de Leininger	2023	CABRAL, Ivens Bruno Vieira	A partir da literatura consultada foi possível identificar que a falta de acesso, fragmentação do sistema, estigmatização ausência de acolhimento e até mesmo a linguagem técnica utilizada na consulta são responsáveis pelo afastamento dos serviços de saúde, refletido na baixa procura pelo atendimento.
Assistência de enfermagem à população transexual.	2022	NOGUEIRA, Renato Corrales et al.	O presente estudo encontrou com resultado a escassez de conhecimento sobre o atendimento e assistência de enfermagem a população Trans e teve como ponto de discussão a falta de treinamento adequado para os profissionais.
Acolhimento de travestis e transexuais na atenção primária à saúde: uma revisão bibliográfica.	2021	LIMA, Pedro Henrique et al.	Como resultado, o artigo demonstra que existe um método principal para que o acolhimento seja qualificado e holístico, que é a formação dos enfermeiros juntamente com a educação continuada para que ajudem a mudar a realidade de vida do público Trans na área da saúde.
O papel do Enfermeiro à População Trans no acesso aos Serviços de Saúde na Atenção Primária.	2022	SILVA, Andriane Ribeiro da et al.	Evidenciou-se que há desconhecimento sobre a Política Nacional de Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT) entre os enfermeiros da atenção primária à saúde.
Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem..	2019	SANTOS, Juliana Spinula dos; SILVA, Rodrigo Nogueira da; FERREIRA, Márcia de Assunção.	O estudo demonstrou que embora a Política Nacional de Saúde LGBT tenha sete anos, estudos ainda são escassos, sobretudo na Enfermagem. Considerando que a população LGBTI+ está, também, sob a responsabilidade da Enfermagem no âmbito da APS, cabe a esta categoria profissional prestar assistência integral com vistas à minimização das desigualdades sofridas por esta população.
O Enfermeiro na Promoção da Construção do Gênero da População Transexual na Atenção Básica.	2021	LUZ, Rodrigo Duarte da et al.	O estudo demonstrou que diante de tamanha diversidade de modos de existir, nota-se que os serviços de saúde não estão preparados para o acolhimento desse público fazendo que parte da população trans encontre barreiras organizacionais, técnicas e simbólicas representadas muitas vezes por discriminação e preconceitos, sendo necessário realizar Educação Permanente às trabalhadoras(es) da saúde para romper com a discriminação e preconceito.
Desafios assistenciais a população transexual: percepção dos enfermeiros da atenção primária no município de lajedope.	2023	SILVA, Elaine Marcelle Ferreira da et	De acordo com o estudo realizado, mesmo a maioria das entrevistadas relatando compreensão sobre a política LGBTQIA+, infelizmente a assistência a população trans não se dá de forma equânime, uma

		al.	vez que ainda há falhas desde o acolhimento até a assistência propriamente dita e isso se deve a vários fatores tais como: conhecimento restrito, insegurança nas abordagens, orientações falhas e até mesmo a baixa procura aos serviços de saúde.
Cuidados de enfermagem à população transgênero na atenção primária à saúde: uma revisão integrativa.	2023	ALVES; MAIA; JESUS	O artigo demonstrou em seu resultado a falta de treinamento realizado com a equipe de enfermagem para uma melhor assistência a população Trans.
Assistência da enfermeira à comunidade lgbtqia+ na atenção primária à saúde.	2023	FERREIRA, Daniel Gomes	O estudo trouxe como resultado no que se diz respeito ao conhecimento sobre o estudo, que ainda existe uma carência significativa de conhecimento entre os profissionais. Chamou a atenção pelo no que se refere à estruturação da assistência, a maioria das enfermeiras relatou que a assistência para pacientes LGBTQIA+ é a mesma oferecida para todos os pacientes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.
Assistência prestada na consulta de enfermagem gineco-obstétrica aos homens transexuais na atenção primária à saúde.	2023	SILVA, Nathalia Lima da et al.	Os resultados do estudo demonstraram que os profissionais participantes necessitam de uma melhor capacitação sobre o tema, na qual poderia ser ofertada pelo serviço de saúde município que trabalham, visando a melhoria da assistência de enfermagem, incluindo neste caso, o homem trans e suas necessidades em todas as etapas de vida, como ponto de cuidado de enfermagem. Bem como, uso de princípios como humanização e qualidade no acesso a todos os que buscam o sistema de saúde.

**Fonte: Elaborado pelos autores**

Diante do exposto um dos principais indicadores encontrados nas discussões da literatura são a falta de treinamento dos profissionais da enfermagem ao acolhimento a pessoas Trans, falta de conhecimento sobre as questões de identidade de gênero e a dificuldade que se encontra na rede primária de assistência ao tentar implementar a proposta adequadas de cuidados humanizados a saúde através da política de assistência a população LGBTQIA+.

### **Treinamento da equipe de enfermagem como melhor método a assistência a pessoas Trans**

Segundo Ramos *et al* (2020) e Lima *et al* (2021) a falta de treinamento dos profissionais da enfermagem no acolhimento a pessoas trans é uma lacuna significativa que impacta diretamente a qualidade do cuidado oferecido. A comunidade trans enfrenta uma série de desafios relacionados à saúde, muitos dos quais podem ser agravados por experiências negativas nos serviços de saúde. Nesse contexto, a atuação dos profissionais de enfermagem desempenha um papel crucial na promoção de um ambiente acolhedor e inclusivo.

É essencial compreender que o treinamento inadequado pode resultar em desconhecimento ou preconceitos por parte dos profissionais de enfermagem, o que contribui para a criação de barreiras à acessibilidade e ao cuidado de saúde efetivo para pessoas trans. As

demandas específicas dessa população, como o acesso a hormônios, cirurgias de redesignação sexual e cuidados de saúde mental, requerem uma abordagem sensível e informada. (Veras *et al*, 2021)

O acolhimento adequado começa com a compreensão das necessidades particulares das pessoas trans, bem como o respeito à sua identidade de gênero. A falta de treinamento nesse aspecto pode resultar em situações constrangedoras, discriminação e até mesmo negligência nos cuidados. A comunicação respeitosa, a utilização de pronomes corretos e o entendimento das questões de saúde específicas da população trans são aspectos cruciais que frequentemente são negligenciados. (Cabral, 2023)

Além disso segundo Nogueira *et al* (2022) e Silva *et al* (2023), o treinamento inadequado pode influenciar negativamente a relação entre o profissional de enfermagem e o paciente trans, levando a um menor nível de confiança no sistema de saúde e, conseqüentemente, à evitação de buscar atendimento quando necessário. Isso cria um ciclo prejudicial em que as necessidades de saúde são negligenciadas, prejudicando o bem-estar geral da pessoa trans.

Para superar essa lacuna, é imperativo implementar programas de capacitação contínua que abordem especificamente as questões relacionadas à diversidade de gênero e à sensibilidade cultural. A educação deve abranger não apenas conhecimentos técnicos, mas também aspectos emocionais e psicossociais, promovendo uma compreensão mais profunda das experiências das pessoas trans. (Lima *et al*, 2021)

Portanto a falta de treinamento dos profissionais da enfermagem no acolhimento a pessoas trans representa uma barreira significativa para a promoção de cuidados de saúde inclusivos e eficazes. Investir em programas educacionais que abordem as necessidades específicas dessa população é crucial para criar um ambiente de saúde mais igualitário e compassivo. (Silva *et al*, 2022); (Nogueira *et al*, 2022)

### **Desconhecimento da equipe de enfermagem sobre identidade de gênero**

Segundo Luz *et al* (2021) e Ferreira (2023) o desconhecimento da equipe de enfermagem sobre identidade de gênero é uma questão premente que compromete a qualidade do atendimento e o bem-estar dos pacientes. Em muitos contextos, a compreensão inadequada e a falta de sensibilidade em relação às diversas identidades de gênero têm contribuído para experiências negativas nos serviços de saúde, particularmente para pessoas cuja identidade de gênero não se alinha tradicionalmente com as normas sociais.

A identidade de gênero refere-se à experiência interna e profunda de uma pessoa em relação ao seu próprio gênero, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Pessoas trans, por exemplo, podem enfrentar obstáculos significativos ao buscar assistência médica devido à falta de compreensão e aceitação por parte da equipe de enfermagem. (Santos, Silva e Ferreira, 2019)

De acordo com Silva *et al* (2023) desconhecimento muitas vezes se manifesta em práticas inadequadas, como o uso de pronomes incorretos, a falta de respeito à identidade de gênero autodeclarada e a ausência de sensibilidade para lidar com questões específicas relacionadas à saúde da população trans. Essa falta de conhecimento não apenas prejudica a relação entre os profissionais de enfermagem e os pacientes, mas também compromete a eficácia do tratamento e a adesão ao cuidado.

Dessa forma, de acordo com Cabral *et al* (2023) e Silva *et al* (2022) é imperativo que os profissionais de enfermagem busquem uma compreensão mais profunda das questões relacionadas à identidade de gênero. Isso inclui o reconhecimento da diversidade de identidades de gênero, a conscientização sobre os desafios enfrentados pela comunidade trans e a incorporação de práticas culturalmente sensíveis nos cuidados de saúde.

A capacitação contínua é fundamental para superar o desconhecimento. Programas educacionais que abordem questões de identidade de gênero, oferecendo informações atualizadas e sensibilizando os profissionais de enfermagem para as nuances e especificidades dessas experiências, são essenciais. A promoção de ambientes inclusivos e respeitosos também desempenha um papel crucial, criando espaços onde os pacientes se sintam seguros ao compartilhar informações sobre sua identidade de gênero. (Alves, Maia e Jesus, 2023)

Dessa forma, ao abordar o desconhecimento da equipe de enfermagem sobre identidade de gênero, estamos não apenas melhorando a qualidade do atendimento, mas também contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva. A educação e a sensibilização são ferramentas poderosas para construir uma base de conhecimento que respeite a diversidade de experiências de gênero e promova um ambiente de saúde verdadeiramente acolhedor para todos. (Ramos *et al*, 2020)

### **Desafios enfrentados pela equipe de enfermagem a cuidados humanizados a pessoas Trans na assistência primária a saúde**

A literatura aponta segundo Santos, Silva e Ferreira (2019) que a prestação de cuidados humanizados a pessoas trans na assistência primária à saúde é um desafio significativo



enfrentado pela equipe de enfermagem. Apesar dos avanços na compreensão das questões relacionadas à identidade de gênero, a implementação efetiva de práticas humanizadas para essa população muitas vezes esbarra em obstáculos complexos.

Um dos principais desafios é a falta de sensibilização e treinamento adequado no âmbito da assistência primária. Segundo Ferreira (2023) e Luz *et al* (2021) a equipe de enfermagem muitas vezes não está devidamente preparada para compreender as particularidades das experiências de saúde das pessoas trans. Isso inclui a falta de conhecimento sobre a necessidade de cuidados específicos, como o acesso a tratamentos hormonais, acompanhamento de saúde mental especializado e, em alguns casos, procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual.

A ausência de capacitação pode levar a interações inadequadas, constrangimentos e preconceitos por parte da equipe de enfermagem, o que cria barreiras para uma comunicação aberta e respeitosa entre profissionais e pacientes trans. Esse ambiente muitas vezes desfavorece a busca por cuidados de saúde, aumentando o risco de negligência das necessidades médicas fundamentais. (Silva *et al*, 2023)

Outro desafio enfrentado segundo Santos, Silva e Ferreira (2019) é a falta de conscientização sobre questões de gênero dentro das estruturas de saúde. As políticas institucionais muitas vezes não são suficientemente inclusivas, não reconhecendo a diversidade de identidades de gênero e não garantindo a privacidade e o respeito necessários para uma experiência de atendimento positiva.

Dessa forma, a discriminação sistêmica também pode se manifestar em documentos, formulários e registros de saúde que não levam em consideração a autoidentificação de gênero. Segundo Cabral (2023) isso não apenas invalida a identidade das pessoas trans, mas também dificulta o acompanhamento preciso de sua saúde e a coordenação efetiva dos cuidados.

Para superar esses desafios, é fundamental investir em programas de treinamento que abordem questões específicas relacionadas à assistência primária a pessoas trans. Isso inclui a educação sobre identidade de gênero, competência cultural, comunicação respeitosa e práticas que promovam a inclusão e o respeito à diversidade. Além disso, é crucial promover políticas internas que garantam a igualdade de tratamento, a confidencialidade e o respeito à autoidentificação de gênero. (Alves, Maia e Jesus, 2023)

Diante disso, os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem na prestação de cuidados humanizados a pessoas trans na assistência primária à saúde exigem uma abordagem abrangente. A sensibilização, a educação contínua e mudanças nas políticas institucionais são passos cruciais para criar um ambiente de atendimento mais inclusivo, respeitoso e efetivo para

essa população. (Veras *et al*, 2021)

## CONDISERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, conclui-se que a assistência e o acolhimento de enfermagem à população trans na atenção primária são fundamentais para garantir a saúde e o bem-estar. É necessário que os profissionais de enfermagem estejam capacitados e conscientes dos desafios enfrentados por essa população, para que possam proporcionar um atendimento de qualidade e respeitoso.

Além disso, é fundamental que os serviços de saúde estejam preparados para acolher, entender e atender as necessidades dessa população, assegurando um ambiente seguro e inclusivo. A equipe de enfermagem deve estar preparada para oferecer um atendimento humanizado, com o intuito de promover a saúde e o bem-estar dessa população.

Portanto, é importante que os profissionais de enfermagem estejam atentos às necessidades específicas da população trans, para que possam oferecer um atendimento adequado e, assim, contribuir para a melhoria da qualidade de vida desses indivíduos.

O presente estudo também levantou a necessidade de mais pesquisas na área que possam abordar de forma mais intensa como a assistência de enfermagem atua junto a pessoas Trans e como pode-se ampliar os saberes sobre novos caminhos de humanização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES CARNEIRO CHAGAS, Manoella; MAIA DOS SANTOS, Adriano; NEVES DE JESUS, Naila. Cuidados de enfermagem à população transgênero na atenção primária à saúde: uma revisão integrativa. **Investigación y Educación en Enfermería**, v. 41, n. 1, 2023.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. **Letras escreve**, v. 7, n. 1, p. 137-164, 2017.

BRASIL, M. da S. et al. Ministério da saúde. **Portaria MS**, v. 2914, p. 12, 2017.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CABRAL, Ivens Bruno Vieira. Elaboração de protocolo de enfermagem para apoio ao atendimento de pessoas trans no âmbito da Atenção Primária à Saúde à luz da teoria de Leininger. 2023.

**Comitê de Saúde CNJ-RJ.** Comitê de Saúde CNJ-RJ. Disponível em: <<https://www10.trf2.jus.br/comite-estadual-de-saude-rj/legislacao/constituicao-de-1988/>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

DE ENFERMAGEM, Conselho Federal. Código de ética dos profissionais de enfermagem. **ConScientiae Saúde**, v. 3, p. 131-137, 2004.

Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021 / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.

DUARTE, D. D.; QUELUCI, G. de C.; FERREIRA, H. C.; CHISZOSTIMO, M. M. The nurse's respective in trans-person care. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. e61942845, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i4.2845. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2845>. Acesso em: 17 oct. 2022.

FERREIRA, Daniel Gomes. Assistência da enfermeira à comunidade lgbtqia+ na atenção primária à saúde. 2023.

GOMES, Denildo de Freitas et al. Restrição de políticas públicas de saúde: um desafio dos transexuais na atenção básica. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210425, 2022.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos:** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. Brasília: Qualquer Uma, 2012. 42 p.

LIMA VERAS, Pedro Henrique et al. ACOLHIMENTO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Enfermagem Atual in Derme**, v. 95, n. 36, 2021.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade. 2ª Edição. **Belo Horizonte**, 2000.

LUNA, S.V. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: Educ, 1997.

LUZ, Rodrigo Duarte da et al. O Enfermeiro na Promoção da Construção do Gênero da População Transexual na Atenção Básica. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 9, p. 11-27, 2021.

NOGUEIRA, Renato Corrales et al. ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À POPULAÇÃO TRANSEXUAL. **Abordagens em medicina: avanços científicos, tecnológicos e sociais**, p. 226, 2022.

POPADIUK, Gianna Schreiber; OLIVEIRA, Daniel Canavese; SIGNORELLI, Marcos Claudio. A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e o acesso ao processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS): avanços e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 1509-1520, 2017.

RAMOS, Lázaro Saluci et al. A humanização da atenção básica a saúde brasileira no atendimento de travestis e transsexuais: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 44, p. e2770-e2770, 2020.

RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira.; MARTINS, Mário Henrique da Mata.; LIMA, Juliana Martins De. A pesquisa em base de dados: como fazer? In: LANG, Charles Elias., et al. (Org.). Metodologias. Pesquisas em saúde, clínica e Práticas Psicológicas. 1a. ed. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL, 2015.

ROCON, Pablo *et al.* **Acesso à saúde pela população trans no Brasil**: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Revista trabalho, educação e saúde*, Rio de Janeiro, p. 1-18, 2020.

ROSA, D. F. et al. Nursing Care for the transgender population: genders from the perspective of professional practice. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. suppl 1, p. 299–306, fev. 2019.

Sampaio, R., & Mancini, M.. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11(1), 83–89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>

SANTOS, Juliana Spinula dos; SILVA, Rodrigo Nogueira da; FERREIRA, Márcia de Assunção. Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 23, 2019.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 2012.

SILVA Elaine Marcelle Ferreira da et al. DESAFIOS ASSISTENCIAIS A POPULAÇÃO TRANSEXUAL: PERCEPÇÃO DOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO MUNICÍPIO DE LAJEDO-PE. 2023.

SILVA, Andriane Ribeiro da et al. O papel do Enfermeiro à População Trans no acesso aos Serviços de Saúde na Atenção Primária. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 11, p. e551111134009-e551111134009, 2022.

SILVA, Nathalia Lima da et al. Assistência prestada na consulta de enfermagem gineco-obstétrica aos homens transexuais na atenção primária à saúde. 2023.

SILVA, R. C. D. DA et al. Reflexões bioéticas sobre o acesso de transexuais à saúde pública. **Revista Bioética**, v. 30, n. 1, p. 195–204, mar. 2022.

STOLLER, R. J. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity* (1968). Londres: Karnac Books, 1984.

Transfobia é rotina em clínicas e hospitais - ELLE Brasil. **ELLE Brasil, 2022. Disponível em:** <<https://elle.com.br/sociedade/transfobia-e-rotina-em-clinicas-e-hospitais>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

VERAS, Pedro Henrique Lima et al. Acolhimento de travestis e transexuais na atenção primária à saúde: uma revisão bibliográfica. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 36, 2021.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 791-806, 2

